

SALMAN RUSHDIE

Joseph Anton

Memórias

Tradução

Donaldson M. Garschagen
José Rubens Siqueira



Copyright © 2012 by Salman Rushdie

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Joseph Anton — A memoir

Capa

Victor Burton

Foto de capa

© Roy Hsu/ Getty Images

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Carmen T. S. da Costa

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rushdie, Salman

Joseph Anton : memórias / Salman Rushdie ; tradução Donaldson M. Garschagen, José Rubens Siqueira. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Joseph Anton : a memoir.

ISBN 978-85-359-2166-3

1. Escritores ingleses – Século 20 – Biografia 2. Rushdie, Salman i. Título.

12-10688

CDD-823.914

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores ingleses : Memórias : Biografia 823.914

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prólogo — O primeiro corvo	11
1. Um pacto faustiano ao contrário	25
2. “Originais não queimam”	96
3. Ano zero	137
4. A armadilha de querer ser amado	220
5. “Estive embaixo tanto tempo que para mim parece o alto”	275
6. Por que é impossível fotografar os pampas	330
7. Um caminhão de estrume	404
8. Sr. Manhã e sr. Tarde	467
9. Sua ilusão milenarista	547
10. No Halcyon Hotel	592
Agradecimentos	613

Prólogo

O primeiro corvo

Depois, quando o mundo explodia a seu redor e os corvos mortíferos se reuniam no trepa-trepa no pátio da escola, ele se sentiu irritado consigo mesmo por ter esquecido o nome da repórter da BBC que lhe avisara que sua vida antiga tinha acabado e que uma vida nova, mais sombria, estava para começar. Ela ligara para a casa dele, em sua linha privada, sem explicar como tinha conseguido o número. “Como você se sente”, perguntou, “sabendo que foi condenado à morte pelo aiatolá Khomeini?” Era uma terça-feira ensolarada em Londres, mas foi como se a pergunta apagasse a luz do sol. O que ele respondeu, sem saber direito o que dizia, foi: “Não me sinto bem”. O que pensou foi: *Estou morto*. Ficou pensando em quantos dias lhe restavam para viver, e achou que a resposta seria, com toda probabilidade, um número de um só algarismo. Desligou o telefone e desceu, apressado, a escada de sua sala de trabalho, no andar de cima da estreita casa geminada em que morava, em Islington. As janelas da sala tinham venezianas de madeira, e, levado por um impulso absurdo, ele as fechou e trancou-as com barras. Depois, passou a chave na fechadura da porta de entrada.

Era o Dia dos Namorados — 14 de fevereiro —, mas ele não estava em bons termos com a mulher, a romancista americana Marianne Wiggins. Seis dias antes, ela lhe dissera que não estava feliz com o casamento, que “já não se

sentia bem com ele”, embora estivessem casados havia pouco mais de um ano, e também ele sabia que o casamento tinha sido um erro. Agora ela o fitava enquanto ele andava pela casa, nervoso, fechando cortinas, verificando as fechaduras das janelas, com o corpo galvanizado pelas notícias, como se uma corrente elétrica passasse por ele, e teve de lhe explicar o que estava acontecendo. Ela reagiu bem, e começou a falar sobre o que deveriam fazer. Usou o pronome *nós*. Foi um gesto de coragem.

Um carro parou diante da casa, mandado pela CBS. Naquela manhã, ele deveria aparecer, ao vivo, no programa de notícias da rede de televisão americana, em transmissão via satélite a partir dos estúdios em Bowater House, Knightsbridge. “Tenho de ir”, disse. “É ao vivo. Não posso deixar de ir.” Mais tarde, ainda de manhã, seria realizada na igreja ortodoxa na Moscow Road, em Bayswater, a cerimônia em memória de seu amigo Bruce Chatwin. Menos de dois anos antes, ele comemorara seu quadragésimo aniversário em Homer End, a casa de Bruce em Oxfordshire. Agora Bruce tinha morrido de aids, e a morte batia também à sua própria porta. “E a cerimônia?”, perguntou sua mulher. Ele não soube o que lhe responder. Abriu a porta, saiu, entrou no carro e partiu para os estúdios. Embora ainda não soubesse disso naquela hora, e por isso a saída não lhe pareceu especialmente carregada de significado, ele só voltaria àquela casa, onde morava havia cinco anos, três anos depois, quando ela já não lhe pertenceria.

Na sala de aula em Bodega Bay, na Califórnia, as crianças cantam uma música triste, sem pé nem cabeça. Ela só penteia o cabelo uma vez ao ano, tiri-ri, tiri-lá, ló, ló, ló. Do lado de fora da escola sopra um vento frio. Um corvo desce do alto do céu e pousa no trepa-trepa do pátio. A música das crianças é um rondó. Começa, mas não termina. Repete-se sem parar, sem parar. A cada passada do pente, derramava uma lágrima, tiri-ri, tiri-lá, ló, ló, ló, ei-bumbosidade, petralha, retroquo-qualidade, carvalhê, carvalhá, ló, ló, ló. Já são quatro corvos no trepa-trepa, e logo chega um quinto. Na sala de aula, as crianças cantam. Agora são centenas os corvos no trepa-trepa, e outros milhares enchem o céu, como uma praga do Egito. Começou uma canção, que não tem fim.

Quando o primeiro corvo pousou no trepa-trepa, parecia individual, especial, específico. Não era necessário deduzir uma teoria geral, um estado de coisas mais amplo que se devesse à sua presença. Mais tarde, depois que a praga começou, foi fácil para as pessoas ver o primeiro corvo como um prenúncio. Mas, quando ele pousou no trepa-trepa, era apenas uma ave.

Nos anos seguintes, ele sonhará com essa cena, entendendo que a história dele é uma espécie de prólogo: a narrativa do momento em que o primeiro corvo pousa. Quando a história começou, era só a dele; individual, especial, específica. Ninguém se sentia propenso a tirar quaisquer conclusões dela. Doze anos ou mais se passariam antes que a história crescesse até encher o céu, como se o arcanjo Gabriel estivesse em pé no horizonte, como dois aviões se esborrachando contra arranha-céus, como a praga de pássaros assassinos no grande filme de Alfred Hitchcock.

Nos estúdios da CBS, ele era a grande notícia do dia. Na sala da redação e em vários monitores já usavam a palavra que em breve estaria pendurada em seu pescoço como uma pedra de moinho. Usavam essa palavra como se fosse um sinônimo de “sentença de morte”, e ele queria argumentar, pedantemente, que não era esse o significado da palavra. No entanto, desse dia em diante, ela significaria isso para a maior parte das pessoas no mundo. E para ele também.

Fatwa.

“Informo aos muçulmanos zelosos do mundo que o autor do livro *Versos satânicos*, que é contra o islã, o Profeta e o Corão, bem como todos aqueles que, conscientes de seu conteúdo, envolveram-se em sua publicação, estão sentenciados à morte. Peço a todos os muçulmanos que os executem, onde quer que os localizem.” Alguém lhe entregou uma versão impressa do texto enquanto ele era levado em direção ao estúdio para a entrevista. Mais uma vez, seu velho eu quis contestar, dessa vez o verbo “sentenciar”. Aquilo não era uma sentença lavrada por um tribunal que ele reconhecesse, ou que tivesse alguma jurisdição sobre ele. Era o edito de um velho cruel e moribundo. Mas ele sabia também que os hábitos de seu antigo eu não tinham mais serventia alguma. Ele era agora uma nova pessoa. Era a pessoa que estava no olho do furacão, não mais o *Salman* que seus amigos conheciam, mas o *Rushdie* autor de *Versos satânicos*, um título sutilmente distorcido pela omissão do artigo *Os*. *Os versos satânicos* era um romance. *Versos satânicos* eram versos que eram satânicos, e ele era o autor satânico desses versículos, o “Satã Rushdy”, a criatura chifruda que estava nos cartazes carregados por manifestantes pelas ruas de uma cidade distante, o enforcado de língua vermelha para fora da boca nos cartazes toscos que carregavam. *Enforquem o Satã Rushdy*. Como era fácil apagar o passado de um homem e construir uma nova versão dele, uma versão esmagadora, contra a qual parecia impossível lutar.

O rei Carlos I negara a legitimidade da sentença lavrada contra ele. Isso não impediu que Oliver Cromwell o mandasse decapitar.

Ele não era rei. Era o autor de um livro.

Olhou para os jornalistas que o fitavam e pôs-se a imaginar se era assim que as pessoas olhavam os homens que eram levados ao patíbulo, à cadeira elétrica ou à guilhotina. Um correspondente estrangeiro se aproximou para demonstrar simpatia, e o escritor perguntou a esse homem o que ele pensava sobre o que Khomeini dissera. Até que ponto deveria levar aquilo a sério? Era apenas retórica ou alguma coisa genuinamente perigosa?

“Ah, não se preocupe muito”, disse o jornalista. “Khomeini sentencia o presidente dos Estados Unidos à morte toda sexta-feira de tarde.”

No ar, quando lhe perguntaram como reagira à ameaça, ele respondeu: “Eu gostaria de ter escrito um livro mais crítico”. Orgulhou-se, naquele dia e para sempre, de ter dito aquilo. Era a verdade. Não considerava que seu livro criticasse demais o islã, mas, como disse na televisão americana naquele dia, era provável que uma religião cujos líderes procediam dessa forma merecesse algumas críticas.

Terminada a entrevista, disseram-lhe que sua mulher tinha telefonado. Ele ligou para casa. “Não volte aqui”, disse ela. “Há duzentos jornalistas na calçada, à sua espera.”

“Vou para a agência”, disse ele. “Arrume uma mala e se encontre comigo lá.”

Sua agência literária, a Wylie, Aitken & Stone, ficava numa casa de estuque branco, na Fernshaw Street, em Chelsea. Não havia jornalistas acampados diante dela — era evidente que a imprensa mundial não imaginara que ele fosse à sua agência num dia daqueles — e, quando ele entrou, todos os telefones do prédio estavam tocando, e todas as chamadas eram a respeito dele. Gillon Aitken, seu agente britânico, lançou-lhe um olhar estupefato. Falava ao telefone com Keith Vaz, representante anglo-indiano de Leicester East no Parlamento. Cobriu o bocal e sussurrou: “Quer falar com essa pessoa?”.

Naquela conversa, Vaz disse que o acontecido era “espantoso, nada menos que espantoso”, e prometeu seu “pleno apoio”. Semanas depois, foi um dos principais oradores numa manifestação contra *Os versos satânicos*, com a presença de mais de 3 mil muçulmanos, e descreveu o evento como “um dos grandes dias na história do islã e da Grã-Bretanha”.

Ele percebeu que não podia planejar o que fazer, que não conseguia imaginar como seria sua vida daí em diante ou que planos fazer. Só podia se concentrar no imediato, e o imediato era o culto fúnebre em memória de Bruce Chatwin. “Meu caro, você acha que deve ir?”, perguntou Gillon. Ele mesmo tomou a decisão. Bruce fora muito amigo dele. “Que se dane”, disse. “Vamos.”

Marianne chegou, com um certo ar tresloucado, furiosa por ter sido cercada pelos fotógrafos ao sair de casa na St. Peter’s Street, 41. No dia seguinte, estava na primeira página de todos os jornais do país. Um dos jornais deu nome à sua expressão, em letras garrafais: o ROSTO DO MEDO. Não falaram muito. Nenhum dos dois. Entraram no carro deles, um Saab preto, e ele saiu pelo parque em direção a Bayswater. Gillon Aitken ia junto, com uma expressão de preocupação, e o corpo comprido e lânguido estirado no banco de trás.

Sua mãe e a irmã mais nova moravam em Karachi. O que lhes sucederia? A irmã do meio, havia muito afastada da família, morava em Berkeley, Califórnia. Estaria a salvo lá? A irmã mais velha, Sameen, sua “gêmea irlandesa”, morava em Wembley, subúrbio da zona norte de Londres, não muito longe do famoso estádio. O que teria de ser feito para protegê-los? Seu filho, Zafar, que só tinha nove anos e oito meses, estava com a mãe, Clarissa, na casa deles em Burma Road, 60, que sai de Green Lanes, perto de Clissold Park. Naquele momento, o décimo aniversário de Zafar parecia muito, muito distante. “Papai”, Zafar perguntara, “por que você não escreve livros que eu possa ler?” Aquilo lhe fizera lembrar um trecho de “St. Judy’s comet”, uma canção que Paul Simon escrevera como acalanto para o filho pequeno. *Se não consigo cantar para fazer meu menino dormir, bem, seu papai famoso parece um bobo.* “Boa pergunta”, ele respondera. “Quando eu acabar este livro em que estou trabalhando, escrevo um livro para você. Certo?” “Certo.” De modo que ele tinha acabado o livro, que fora publicado, e agora talvez não tivesse tempo para escrever outro. *Nunca se deve quebrar uma promessa feita a uma criança*, pensou, e aí sua cabeça a mil acrescentou um adendo idiota: *mas a morte do autor é uma desculpa válida?*

Sua mente estava voltada para o tema assassinato.

Cinco anos antes, ele estivera viajando com Bruce Chatwin pelo “centro vermelho” da Austrália, onde, em Alice Springs, anotara o grafite que dizia RENDA-SE, HOMEM BRANCO, SUA CIDADE ESTÁ CERCADA, fazendo um esforço sem nome para subir a rocha Ayer, enquanto Bruce, que se orgulhava de ter recentemente chegado até o acampamento-base do Everest, avançava à sua frente aos saltos, como

se estivesse subindo correndo a mais suave das ladeiras e ouvindo as histórias que a gente do lugar contava sobre o chamado caso do “bebê levado pelo dingo”. Tinha se hospedado num pulgueiro chamado Inland Motel, onde, no ano anterior, um caminhoneiro de 36 anos, chamado Douglas Crabbe, a quem haviam negado servir uma bebida porque ele já estava bêbado demais, insultara o pessoal do bar e, depois de ser expulso, tinha jogado seu caminhão, em alta velocidade, contra o bar, matando cinco pessoas.

Crabbe estava sendo julgado num tribunal em Alice Springs, e ele e Bruce foram assistir. O caminhoneiro estava cabisbaixo, vestido de forma conservadora, e falava em voz baixa. Insistiu em que não era o tipo de pessoa capaz de fazer uma coisa daquelas e, quando perguntado por que tinha tanta certeza disso, respondeu que dirigia caminhões havia muitos anos e que “cuidava deles como se fossem seus próprios” (seguiu-se aqui uma pausa, e a palavra não pronunciada naquele silêncio poderia ter sido “filhos”), e que para ele destruir um caminhão era um ato que ia inteiramente contra sua índole. Os jurados retesaram-se visivelmente ao ouvir isso, mas era óbvio que a sorte de Crabbe estava selada. “Na verdade, porém”, murmurou Bruce, “o que ele está dizendo é a mais absoluta verdade.”

A mente de um assassino atribuía mais valor a caminhões do que a seres humanos. Cinco anos depois, talvez algumas pessoas estivessem se preparando para executar um escritor por suas palavras blasfemas, e a fé ou uma determinada interpretação da fé, era o caminhão a que eles davam mais valor do que à vida humana. Aquela não era a sua primeira blasfêmia, ele lembrou a si mesmo. Sua escalada da rocha Ayers com Bruce também estaria proibida agora. A rocha, devolvida à propriedade dos aborígenes, que lhe restituíram o nome antigo, Uluru, era território sagrado, e as escaladas não eram mais permitidas.

Foi no voo de volta para casa, encerrando aquela viagem à Austrália em 1984, que ele começou a compreender como escreveria Os versos satânicos.

O ofício na catedral ortodoxa grega de Santa Sofia, da arquidiocese de Thyateria e da Grã-Bretanha, construída e decorada com esplendor 110 anos antes, de modo a lembrar uma grandiosa catedral da antiga Bizâncio, era todo celebrado num grego sonoro e misterioso. Sua liturgia era floreada e bizantina. Bruce Chatwin blá-blá-blá, entoavam os sacerdotes, blá-blá-blá, Chatwin blá-blá-blá. Eles se levantavam, sentavam-se, ajoelhavam-se, levantavam-se e se sentavam de novo. O ar estava carregado do cheiro forte de fumaça. Ele se lembrou do pai a levá-lo, quando ainda criança, em Bombaim, para rezar no

dia de Eid-ul-Fitr. Lá, no Idgah, o campo de oração, era tudo em árabe, muitas cabeças subiam e desciam, com testas batendo no piso, pessoas de pé com as palmas das mãos mantidas na frente do corpo, como se segurassem um livro, além de muita falação de palavras estranhas numa língua que ele não conhecia. “Faça o que eu fizer”, disse o pai. Não eram uma família religiosa, e quase nunca iam a cerimônias como aquela. Ele nunca aprendeu as orações ou soube o que significavam. Uma oração ocasional mediante imitação e uma decoreba meio mastigada eram tudo o que ele sabia. Por isso, a cerimônia sem sentido na igreja da Moscow Road lhe parecia familiar. Marianne e ele estavam sentados ao lado de Martin Amis e sua mulher, Antonia Phillips. “Estamos preocupados com você”, disse Martin, abraçando-o. “Eu estou preocupado comigo”, ele respondeu. Blá Chatwin blá Bruce blá. O romancista Paul Theroux estava sentado no banco atrás dele. “Acho que vamos estar aqui na semana que vem por você, Salman”, disse ele.

Havia alguns fotógrafos do lado de fora, na calçada, quando ele chegou. Em geral, escritores não atraíam um bando de paparazzi. À medida que o ofício avançava, porém, começaram a chegar jornalistas à igreja. Uma religião incompreensível estava servindo de cenário para uma reportagem gerada pelo ataque incompreensivelmente violento de outra religião. *Um dos piores aspectos do que aconteceu, ele escreveu mais tarde, foi que o incompreensível se tornou compreensível, o inimaginável tornou-se imaginável.*

O ofício chegou ao fim e os jornalistas avançaram em sua direção. Gillon, Marianne e Martin tentaram contê-los. Um camarada absolutamente cinza (terno cinza, cabelo cinza, rosto cinza, voz cinza) abriu caminho na multidão, estendeu um gravador em sua direção e fez as perguntas óbvias. “Desculpe”, ele respondeu. “Vim aqui para o ofício em memória de meu amigo. Não é um lugar apropriado para entrevistas.” “O senhor não está entendendo”, disse o sujeito cinza, parecendo perplexo. “Eu sou do *Daily Telegraph*. Eles me mandaram aqui *especialmente*.”

“Gillon, preciso de sua ajuda”, ele disse.

Gillon debruçou-se na direção do repórter, baixando de sua estatura descomunal, e disse com voz firme e empotada: “*Se manda, porra*”.

“O senhor não pode falar comigo desse jeito”, disse o homem do *Telegraph*. “Eu frequentei uma escola particular.”

Depois disso não houve mais comédia. Quando ele saiu para a Moscow Road, jornalistas enxameavam como zangões perseguindo sua rainha, fotógrafos subiam nas costas de outros para formar pirâmides cambaleantes que explodiam em flashes. Ele piscava, sem saber para onde ir, por um momento sem saber o que fazer.

Não parecia haver fuga possível. Não havia como caminhar até o carro, estacionado a uns cem metros dali, sem ser seguido por câmeras, microfones e homens que tinham ido a vários tipos de escolas e que tinham sido mandados ali especialmente. Foi resgatado por seu amigo Alan Yentob, da BBC, cineasta e alto executivo que ele conhecera oito anos antes, quando Alan estava fazendo um documentário da série *Arena* sobre um jovem escritor que acabara de publicar um romance bem acolhido intitulado *Os filhos da meia-noite*. Alan tinha um irmão gêmeo, mas era frequente que se dissesse: “É Salman quem parece ser seu irmão gêmeo”. Os dois discordavam dessa opinião, mas ela persistiu. E aquele poderia não ser o melhor dos dias para que Alan fosse confundido com seu não gêmeo.

O carro da BBC de Alan parou em frente à igreja. “Entre”, ele disse, e logo estavam fugindo dos jornalistas vociferantes. Circularam por Notting Hill durante algum tempo, até a multidão do lado de fora da igreja se dispersar, e então voltaram para onde o Saab estava estacionado.

Ele entrou no carro com Marianne, e de repente estavam sozinhos, e o silêncio pesava sobre os dois. Não ligaram o rádio do carro, pois sabiam que o noticiário estaria cheio de ódio. “Aonde vamos?”, ele perguntou, ainda que ambos soubessem a resposta. Marianne tinha alugado recentemente um pequeno apartamento de subsolo na Lonsdale Square, em Islington, a pouca distância da casa na St. Peter’s Street, oficialmente para usar como local de trabalho, mas, na realidade, por causa da tensão que vinha crescendo entre eles. O apartamento lhes daria espaço e tempo para avaliar a situação e decidir o que fazer. Seguiram para Islington em silêncio. Era como se nada houvesse a ser dito.

Marianne era uma boa escritora e uma bela mulher, mas ele vinha descobrindo coisas de que não gostava.

Ao se mudar para a casa dele, ela havia deixado uma mensagem na secretaria eletrônica de um amigo, Bill Buford, editor da revista *Granta*, dizendo que seu número de telefone tinha mudado. “Talvez você reconheça o número novo”, continuava a mensagem, e a seguir, depois do que Bill achou que era

uma pausa alarmante, “*Peguei o cara*”. Ele a pedira em casamento no período de muita emoção que se seguiria à morte do pai, em novembro de 1987, e o relacionamento deles não permanecera bom durante muito tempo. Seus amigos mais íntimos, Bill Buford, Gillon Aitken e seu colega americano Andrew Wylie, a atriz e escritora guianense Pauline Melville, e sua irmã Sameen, que sempre estivera mais próxima dele do que qualquer outra pessoa, todos tinham começado a confessar que não gostavam dela, o que era o que os amigos sempre diziam quando as pessoas estavam se separando, é claro, e por isso, ele pensava, era preciso dar um desconto em algumas coisas que diziam. No entanto, ele próprio a apanhara em algumas mentiras, e isso o abalara. O que ela achava que ele era? Com frequência parecia zangada, e tinha um jeito de olhar para o nada, por cima do ombro dele, quando lhe falava, como se estivesse se dirigindo a um fantasma. Ele sempre se sentira atraído por sua inteligência, seu senso de humor, e tudo isso ainda estava lá, como também a atração física, as ondas de seu cabelo castanho-avermelhado, seu largo sorriso americano, de lábios cheios. Mas ela se tornara misteriosa para ele, que às vezes tinha a sensação de ter casado com uma estranha. Uma mulher com uma máscara.

Era meio da tarde, e naquele dia os problemas particulares deles dois pareciam irrelevantes. Naquele dia, multidões desfilavam pelas ruas de Teerã com cartazes em que seu rosto aparecia com os olhos vazados, como um dos cadáveres de *Os pássaros*, com as órbitas sanguinolentas, enegrecidas, furadas a bicas. Esse era o assunto do dia: seu cartão do Dia dos Namorados, nada engraçado, mandado por aqueles homens barbudos, por aquelas mulheres de véu e pelo velho assassino que agonizava em seu quarto, fazendo sua última tentativa de alcançar algum tipo de glória sinistra, homicida. Depois de tomar o poder, o imã matara muitos dos que o haviam posto ali e todos de quem ele não gostava. Sindicalistas, feministas, socialistas, comunistas, homossexuais, prostitutas e também seus ex-auxiliares. Havia em *Os versos satânicos* um retrato de um imã como ele, um imã que se tornara um monstro, devorando com a boca gigantesca sua própria revolução. O imã de carne e osso tinha levado seu país a uma guerra inútil com o país vizinho, e uma geração de jovens morrera, centenas de milhares de jovens de seu país, antes que o velho interrompesse a luta. Dissera que aceitar a paz com o Iraque tinha sido como comer veneno, mas que ele o comera. Depois disso os mortos clamaram contra o imã e sua revolução tornou-se impopular. Ele precisava de um meio de mobilizar

os fiéis, e o encontrou na forma de um livro e de seu autor. O livro era a obra do diabo, o autor era o diabo, e isso lhe proporcionava o inimigo de que ele precisava. Esse escritor em seu apartamento de subsolo, aconchegado à mulher, de quem estava meio separado. Esse era o diabo de que o imã moribundo necessitava.

Naquela hora, as aulas estavam acabando, e ele tinha de ver Zafar. Ligou para Pauline Melville e pediu-lhe que fizesse companhia a Marianne enquanto ele fazia sua visita. Pauline fora sua vizinha em Highbury Hill no começo da década de 1980, e era uma atriz de olhos vivos, muito gesticuladora, calorosa e cheia de histórias. Histórias sobre a Guiana, onde um de seus antepassados Melville tinha conhecido Evelyn Waugh, mostrando-lhe o lugar e, provavelmente, segundo ela, virando o modelo para Mr. Todd, o velho maluco que captura Tony Last na selva e o obriga a ler Dickens em voz alta para ele, sem parar, em *Um punhado de pó*; sobre como ela resgatara o marido, Angus, da Legião Estrangeira, postando-se junto ao portão do forte e gritando até que o deixaram sair; e sobre a época em que fez o papel da mãe de Adrian Edmondson na famosa série de tv *The Young Ones*. Pauline fazia *stand-up comedy* e criara um personagem masculino que “ficou tão perigoso e assustador que tive de parar de fazê-lo”, dizia. Ela escrevera várias de suas histórias sobre a Guiana e mostrara-as a ele. Eram boas, ótimas, e quando foram publicadas no primeiro livro dela, *Shape-shifter*, tinham sido muito bem recebidas. Pauline era realista, esperta e leal, e ele tinha total confiança nela. Veio imediatamente, sem reclamar, embora fosse seu aniversário e apesar de suas reservas quanto a Marianne. Ele se sentiu aliviado por deixar Marianne no apartamento da Lonsdale Square e dirigir sozinho até Burma Road. O belo dia de sol, cujo espantoso esplendor de inverno fora como que uma repreensão às notícias nada agradáveis, tinha chegado ao fim. Em fevereiro, Londres já estava às escuras quando as crianças saíam da aula. Quando ele chegou à casa de Clarissa e Zafar, a polícia já estava lá. “Aí está o senhor”, disse um policial. “Estábamos quebrando a cabeça para imaginar onde o senhor teria se metido.”

“O que está acontecendo, papai?” Seu filho tinha no rosto uma expressão que nunca deveria estar no rosto de um menino de nove anos. “Eu contei a ele”, disse Clarissa, animadamente, “que vão tomar conta de você direito até isso acabar, e que tudo vai correr bem.” E então ela o abraçou como não o abraçava havia cinco anos, desde o fim do casamento deles. Ela fora a primeira mulher

a quem amara. Ele a conhecera em 26 de dezembro de 1969, cinco dias antes do fim dos anos 1960, quando ele tinha 22 anos, e ela, 21. Clarissa Mary Luard. Tinha pernas compridas e olhos verdes, e naquele dia usava um xale hippie de lã e uma faixa no cabelo ruivo, muito cacheado, e dela emanava um brilho que iluminava todos os corações. Tinha amigos no mundo da música pop que a chamavam de Happily (ainda que, também por felicidade, esse apelido tivesse morrido com a década maluca que o gerou), uma mãe que bebia demais e um pai que voltara para casa com neurose de guerra, na qual pilotara aviões Pathfinder, e que saltara do alto de um edifício quando ela tinha quinze anos. Tinha um beagle chamado Bauble que urinava na cama dela.

Havia nela muita coisa trancada debaixo da vivacidade. Clarissa não queria que os outros vissem as sombras que havia nela e, quando batia a melancolia, ia para seu quarto e fechava a porta. Talvez sentisse em si a tristeza do pai e temesse que essa angústia pudesse arremessá-la do alto de um edifício, como levara o pai a fazer, e por isso se encerrava no quarto até a tristeza passar. Tinha o nome da heroína trágica de Samuel Richardson e estudara, durante certo tempo, na Harlow Tech. Clarissa da Harlow, um estranho eco de Clarissa Harlowe, outra suicida em seu mundo, este ficcional; outro eco a ser temido e encoberto pelo fulgor de seu sorriso. Sua mãe, Lavinia Luard, também tinha um apelido embarracoso, *Lavy-Loo*, e agitava a tragédia familiar num copo de gim e a deixava dissolver ali, para poder representar o papel da viúva alegre com homens que se aproveitavam dela. Primeiro houve um ex-oficial de um regimento dos Guards, chamado coronel Ken Sweeting, que vinha da ilha de Man para namorá-la, mas nunca deixava a mulher, nem mencionava fazê-lo. Mais tarde, quando ela emigrou para a vila de Mijas, na Andaluzia, seguiu-se uma série de parasitas europeus desejosos de viver à sua custa e gastar muito do dinheiro dela. Lavinia tinha se oposto demais à resolução da filha de, primeiro, morar com um escritor indiano de cabelo comprido e, depois, casar-se com ele, um sujeito esquisito de cuja família pouco se sabia e que não parecia ter muito dinheiro. Era amiga da família Leworthy, de Westerham, em Kent, e, segundo seus planos, o filho dos Leworthy, Richard, um contador pálido e ossudo, com uma cabeleira warholesca loiríssima, se casaria com sua bela filha. Clarissa e Richard namoravam, mas ela começara também a sair escondido com o escritor indiano de cabelo comprido; tinha levado dois anos para se decidir entre eles, mas, numa noite de janeiro de 1972, quando ele deu uma festa

de inauguração de seu apartamento recém-alugado em Cambridge Gardens, Ladbroke Grove, ela chegara de decisão tomada e a partir daí ficaram inseparáveis. Eram sempre as mulheres que faziam a escolha, e cabia ao homem se mostrar grato se tivesse a sorte de ser o escolhido.

Todos os anos, por eles vividos, de desejo, amor, casamento, filho, infidelidade (sobretudo dele), divórcio e amizade estavam no abraço que ela lhe deu naquela noite. O fato novo inundara a mágoa entre os dois e a levara embora, e por baixo da mágoa havia uma coisa antiga e profunda que não fora destruída. Além disso, é claro, eles eram os pais daquele menino bonito e, como pais, sempre tinham mostrado união e harmonia. Zafar nascera em junho de 1979, bem na época em que *Os filhos da meia-noite* estava prestes a ser concluído. “Mantenha as pernas cruzadas”, ele disse a ela. “Estou escrevendo o mais depressa que posso.” Uma tarde, houve um falso alarme, e ele pensou: *A criança vai nascer à meia-noite*, mas isso não aconteceu, Zafar nasceu no domingo, 17 de junho, às 2h15 da tarde. Ele pôs isso na dedicatória do romance. *Para Zafar Rushdie, que, contra todas as expectativas, nasceu de tarde.* E que agora estava com nove anos e meio perguntando, ansioso: *O que está acontecendo?*

“Precisamos saber”, o policial dizia, “quais são seus planos imediatos.” Ele pensou antes de responder. “Provavelmente vou para casa”, respondeu por fim, e o enrijecimento dos homens fardados confirmou suas suspeitas. “Eu não recomendaria isso, senhor.” Então ele lhes falou, como sabia desde o começo que o faria, sobre o apartamento de subsolo na Lonsdale Square, onde Marianne o esperava. “É um lugar que as pessoas em geral sabem que o senhor frequenta?” Não, não é. “Está bem. Depois que o senhor voltar para casa, não saia de novo esta noite, se puder. Estão fazendo reuniões, e o senhor ficará sabendo do resultado delas amanhã, o mais cedo possível. Até lá, deve ficar em casa.”

Ele conversou com o filho, abraçado a ele, decidindo, naquele instante, que contaria ao menino o máximo possível, dando ao que estava acontecendo a coloração mais positiva que pudesse; que a forma de ajudar Zafar a lidar com o que estava acontecendo seria informá-lo de todos os fatos, dar-lhe uma versão paterna que ele aceitasse e na qual confiasse, enquanto era bombardeado com outras versões, no pátio da escola ou pela televisão. A escola estava sendo espetacular, disse Clarissa, mantendo fora fotógrafos e uma equipe de tv que queria filmar o filho do homem ameaçado, e as crianças também tinham sido ótimas. Sem discussão, tinham cerrado fileiras em torno de Zafar e permitido

que ele tivesse na escola um dia normal, ou quase normal. Quase todos os pais tinham dado apoio; uma ou duas pessoas haviam opinado que Zafar devia ser afastado da escola, pois sua presença poderia pôr em perigo seus filhos, mas tinham sido censuradas pelo diretor e se retirado, envergonhadas. Foi alentador ver em ação, naquele dia, coragem, solidariedade e princípios, os melhores valores humanos impondo-se sobre a violência e a intolerância — o lado sombrio da humanidade —, exatamente na hora em que parecia tão difícil resistir à maré montante das trevas. O que fora impensável até aquele dia estava se tornando pensável. Mas em Hampstead, na Hall School, a resistência já começara.

“Vou ver você amanhã, papai?” Ele fez que não com a cabeça. “Mas vou telefonar”, disse. “Vou ligar para você todos os dias, às sete. Se você não for estar aqui”, pediu a Clarissa, “por favor, deixe uma mensagem na secretaria eletrônica e diga a hora em que devo ligar.” Era o começo de 1989. Os termos PC, laptop, celular, internet, wi-fi, SMS, torpedo, e-mail eram desconhecidos ou novíssimos. Ele não tinha computador nem celular. Mas tinha uma casa, mesmo que não pudesse passar a noite nela, e na casa havia uma secretaria eletrônica, e ele podia telefonar e *interrogar* o aparelho, um novo uso para uma palavra velha, e pegar, não, recuperar suas mensagens. “Sete horas”, repetiu. “Toda noite, certo?” Zafar balançou a cabeça, sério. “Está certo, papai.”

Ele voltou para casa de carro sozinho, e todas as notícias no rádio eram ruins. Dois dias antes houvera um “distúrbio Rushdie” diante do Centro Cultural dos Estados Unidos em Islamabad, no Paquistão. (Não ficou claro por que os Estados Unidos estavam sendo considerados responsáveis por *Os versos satânicos*.) A polícia disparara contra a multidão e havia cinco mortos e sessenta feridos. Os manifestantes carregavam cartazes que diziam RUSHDIE, VOCÊ ESTÁ MORTO. Agora o edito iraniano multiplicara em muito o perigo. O aiatolá Khomeini não era apenas um clérigo poderoso. Era um chefe de Estado que ordenava a execução de um cidadão de outro Estado, sobre quem ele não tinha jurisdição. E ele contava com assassinos a seu serviço, que já tinham sido usados antes contra “inimigos” da revolução iraniana, inclusive inimigos que viviam fora do Irã. Havia outra palavra nova que ele tinha de aprender. Ali estava ela, no rádio: *extraterritorialidade*. O conceito era também chamado de *terrorismo de Estado*. Voltaire dissera uma vez que um escritor faria bem em morar perto de uma fronteira internacional, pois se provocasse a cólera de

homens poderosos poderia atravessar a fronteira e ficar em segurança. O próprio Voltaire deixara a França e se refugiara na Inglaterra depois de se indispor com um aristocrata, o Chevalier de Rohan, permanecendo no exílio durante sete anos. No entanto, morar em outro país não era mais garantia de segurança. Agora havia a *ação extraterritorial*. Em outras palavras, os perseguidores encontravam o perseguido onde ele estivesse.

A noite na Lonsdale Square estava fria, escura e clara. Havia dois policiais na praça. Quando ele saiu do carro, eles fingiram não notá-lo. Faziam uma ronda curta, vigiando a rua, perto do apartamento, caminhando cem metros em cada direção, e ele ouvia seus passos mesmo de dentro do quarto. Ele se deu conta, no silêncio marcado pelas passadas dos policiais, de que não compreendia mais sua vida ou o que ela poderia se tornar, e, pela segunda vez naquele dia, pensou que talvez não restasse mais muita vida para compreender. Pauline voltou para casa, e Marianne deitou-se cedo. Ele foi para a cama, ao lado da mulher. Ela se virou para ele e se abraçaram, rígidos, como o casal infeliz que eram. Depois, separados, cada um deitado com seus próprios pensamentos, não conseguiram dormir.

Passos. Inverno. Uma asa negra agitando-se num trepa-trepa. *Informo aos muçulmanos zelosos do mundo, tiri-ri, tiri-lá, ló, ló, ló. Que os executem, onde quer que os localizem. Tiri-ri, tiri-rá, ei-bumbosidade, petralhapetalha, retro-quo-qualidade, carvalhê, carvalhá, ló, ló, ló.*